

# AMAMENTAÇÃO - ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS\*

Selma Campestrini\*\*

---

**RESUMO** - O estudo é resultado de pesquisa bibliográfica, de pesquisa "in loco" com lactantes e de experiência profissional. A autora analisa aspectos antropológicos da amamentação e revela que grande número de nutrizes demonstra conhecimento empírico emergente de sua herança sócio-cultural, no período da lactação; proibições escrupulosas sem justificativas ou fundamentos deixam as nutrizes indecisas quanto ao que "tem que fazer" e o que "não pode fazer", as inúmeras superstições e crenças, que envolvem a amamentação, carecem ser conhecidas e aceitas pelos enfermeiros com risco de gerar choque cultural na sociedade e, conseqüentemente, desestímulo ao aleitamento materno.

**ABSTRACT** - The study results of bibliographic research, local research with nursing, and professional experience. The author analyses breast feeding anthropological aspects and reveals that a great number of nursings demonstrate empirical knowledge emerging from their social-cultural heritage in the lactation period. She demonstrates that scrupulous prohibitions without positive fundamentals or justifications demanded too much their relatives and friends let them undecided to what they "have to do" and what they "should not do". The innumerable beliefs and superstitions that concerns the lactation need to be known and accepted by the nurses, otherwise they run a risk to provoke cultural impact on society and consequently disfavor breast feeding.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A questão do aleitamento materno, já foi alcançada e apresentada antologicamente por religiosos, artistas e cientistas. Foi debatida, rebatida e seletada. Porém, continuam semi-explicados muitos dos aspectos da amamentação, como é o caso da antropologia cultural.

A amamentação é uma atividade básica, constitui uma das primeiras intervenções nutricionais, materiais e de saúde infantil que a própria mãe pode empreender para assegurar a saúde do filho. É um modo natural e apropriado que satisfaz muitas das necessidades da criança em desenvolvimento e, na maioria dos lugares, é compatível com o ambiente ecológico, econômico e sanitário da mãe e do filho.

A lactação é parte integrante do processo de reprodução humana. Ela se desenvolve de acordo com as necessidades da espécie e os determinantes ecológicos da vida. Desde que a mulher possua glândulas mamárias desenvolvidas, pode-se supor que é algo previsto pelo Criador, para dar o alimento da melhor

qualidade a seu filho recém-nascido.

A experiência de sociedades tradicionais indica que muito poucas mães são incapazes de amamentar por razões fisiológicas. Contudo, vendo-se o mundo como um todo, grande quantidade de mulheres deixam de amamentar por motivos vários, dependentes de origem e classe social, estilo de vida e nível de informação e conhecimento.

O primeiro evento social - e talvez o mais crítico - da vida de uma criança ocorre com a interação entre mãe e filho na situação de alimentação. E foi somente neste século que o progresso tecnológico, principalmente na área da indústria do alimento, nutrição infantil e higiene ambiental, juntamente com a elevação dos níveis educacional e sócio-econômico, permitiram a enorme expansão da alimentação artificial dos bebês na grande maioria dos países industrializados, com a concomitante redução da incidência da amamentação. Desta forma, quando a mãe escolhe a maneira de alimentar seu filho, expressa, nesta decisão, influências da sociedade, do seu estilo de vida, da sua

---

\* Tema livre apresentado no 43º CBEEn - Curitiba - PR

\*\* Professor Adjunto na disciplina Enfermagem Materno-Infantil da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

história pessoal e de sua personalidade.

No documento da OMS / UNICEF,<sup>1</sup> encontramos:

*"Os métodos deficientes de alimentação infantil, juntamente com suas conseqüências, constituem um dos maiores problemas mundiais e um sério obstáculo ao desenvolvimento social e econômico.. Sendo, até certo ponto, um problema criado pelo homem, deve ser considerado uma desonra para nossa ciência e tecnologia e para nossas estruturas sociais e econômicas, assim como uma mácula naquilo que chamamos de realização desenvolvimentista. Não é apenas um problema dos países em desenvolvimento; ocorre também em muitas partes do mundo desenvolvido."*

Nossa experiência como docente e enfermeira de saúde da comunidade materno-infantil permite afirmar que grande número de mulheres demonstra conhecimento emergente de sua herança étnica-cultural - crenças, costumes, tabus e mitos - no período da gestação e lactação.

São inúmeras as superstições que envolvem a amamentação e que se não forem conhecidas, aceitas pelos profissionais de saúde e incorporadas no planejamento da assistência na enfermagem materno-infantil, ocasionarão choque cultural entre eles (os profissionais) e a sociedade.

Considerando as ponderações acima, a autora julgou necessária a realização deste estudo, pois o assunto permanece pouco explorado e com parca bibliografia.

## 2 OBJETIVOS

Os objetivos do estudo são:

- conhecer as crenças e costumes relacionados ao binômio mãe-filho, visando maximizar a assistência de enfermagem na amamentação;
- fornecer subsídios sobre antropologia cultural e aleitamento materno, organizados a partir de análise bibliográfica, de experiência profissional, para a prática da enfermagem docente, assistencial, administrativa e interativa;
- suscitar discussão a respeito do assunto entre profissionais e ocupacionais de enfermagem, uma vez que o incentivo ao aleitamento natural é prática que ainda não foi suficientemente incorporada a nossa prática diária.

## 3 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, fez-se: pesquisa bibliográfica em literatura nacional e estrangeira sobre implicações antropológicas na amamentação e o papel do enfermeiro; levantamento de informações junto a lactantes e respectivos familiares com uso do método de observação participante ativa. Posteriormente analisou-se os dados e teceu-se comentários sobre a necessidade de preparar antropologicamente os enfermeiros atuantes na área materno-infantil, com a prerrogativa de que, conhecendo os outros, podemos aprender que a nossa perspectiva não é necessariamente a única correta, e que não há razão para fazer julgamentos precipitados a respeito dos esforços alheios.

## 4 ANÁLISE DE RESULTADOS

### A. A experiência pesquisada em bibliografias.

Sintetizando afirmações de vários autores encontramos que o declínio do aleitamento materno, em todo o mundo, foi qualificado como a mais importante modificação do comportamento humano já registrada na história, representando desperdício de um recurso natural de valor inestimável, sobretudo nos países em desenvolvimento, que mais necessitam.

A alimentação ao peito vem sendo reduzida em contraste com o elevado desenvolvimento sócio-econômico-cultural mundial, sendo os fatores mais contribuintes: imperiosa necessidade de a mulher contribuir no sustento da família, com atividades extra-lar; inúmeros estímulos anti-amamentação (exploração foto e cinematográfica da mama, temor de perder a forma plástica da mama...); inexistência de exemplos no meio familiar (amamentar é algo estranho, ultrapassado...); exagerada divulgação feita em torno de determinados leites em pó e determinadas mamadeiras e bicos; parca divulgação das vantagens do leite humano, sobre qualquer outro tipo de leite; desinteresse dos leigos e profissionais de saúde em ensinar, orientar, apoiar e supervisionar a mãe durante a amamentação, no berçário coletivo, no alojamento conjunto e no lar; despreparo dos profissionais e trabalhadores de saúde em relação às medidas profiláticas do desmame precoce entre elas as relacionadas com a herança cultural das nutrizes e da sociedade.

PIZZATO<sup>2</sup>, tecendo considerações sobre aspectos sociais da amamentação, divide-os em familiares e antropológicos. No primeiro aspecto, ele cita Veigas como sendo o inovador da questão influência familiar

no êxito da amamentação e destaca vários fatores que corroboram para uma amamentação com êxito: apoio, estímulo e compreensão do companheiro e familiares; redução de visitas em número e em tempo, principalmente nos primeiros dias após o parto; o entretenimento do filho pouco mais velho, durante a mamada; auxílio de uma pessoa dedicada, que fique com a criança, quando a mãe carece ausentar-se do lar. A propaganda e a promoção compacta através dos diversos meios de comunicação dos leites artificiais e mameadeiras desestimulando a alimentação natural constituem fator social negativo, porque "as pessoas pobres ou pouco esclarecidas vêem no alimento artificial uma forma de pseudo-status social elevado".

No aspecto social-antropológico, o autor alude que a alimentação ao peito tem sua origem associada ao primeiro parto, e portanto, é milenar. Dados históricos, concernentes à alimentação da criança, induzem a concluir que o aleitamento materno prolongado era habitual desde os primórdios da humanidade.

Estudos de povos primitivos, enfatizando costumes quanto à alimentação da criança nos primeiros meses de vida, além de costumes sociais, na vida adulta, revelam a influência do aleitamento materno no desenvolvimento da personalidade do ser humano.

Jelliffe e seus colaboradores, citado por SOUZA,<sup>3</sup> pesquisando mães africanas, com hábitos primitivos, observaram que a amamentação ocorria maciçamente sem qualquer preocupação com tempo de sucção, horários, posições, técnicas... (a puérpera africana até os quarenta dias após o parto é considerada impura, e a única visita permitida é a do recém-nascido). Concluíram que o processo de amamentação está fundamentado numa imitação inocente, de outras mães, experimentada pela mulher desde a meninice.

Nas ilhas Alor, segundo Filloux citado por PIZZATO,<sup>17</sup> as mães permanecem no ostracismo durante os primeiros oito dias de puerpério, amamentando seu recém-nascido. Após quinze dias retornam ao trabalho, interrompendo bruscamente a amamentação, ficando o filho sob a responsabilidade de irmãos maiores, que o alimentam de modo grosseiro e irregular, e por vezes com alimentos mastigados por outros.

O fenômeno da relectação é outro aspecto antropológico e é comentado por SOUZA.<sup>20</sup> Em alguns grupos africanos, a avó é considerada, no que se relaciona à amamentação, como um ideal e natural substituto da mãe que está impossibilitada de amamentar. Relata que estas avós, embora encanecidas, começam a produzir leite após duas ou três semanas de estímulo, provocado pela sucção da criança. Este fe-

nômeno "é pouco conhecido até mesmo entre os profissionais de saúde".

## B. Experiência vivenciada "in loco".

A herança social das nutrizes e respectiva comunidade (costumes, ritos, tabus, crenças...) é fator interferente na amamentação. Isso foi evidenciado no domicílio de sessenta e três nutrizes - chamadas "atoras-sociais" - que participaram do estudo sobre aleitamento materno, de julho de 1988 a agosto de 1989, na cidade do Rio de Janeiro.

A maneira pela qual uma pessoa enfrenta as suas necessidades de auto-cuidado não é instintiva, mas pelo contrário, é um comportamento aprendido, baseado em seu próprio passado.

Nas comunidades visitadas observou-se que: nutrizes estão mergulhadas em proibições convencionais impostas por tradição ou costumes; nutrizes e os bebês são o receptáculo de certos atos que não podem ser violados sob pena de perseguição e reprovação social; as nutrizes ficam entre o "*tem que fazer*" e o "*não pode fazer*", cobradas a todo instante pelos que as cercam; proibições escrupulosas sem justificativas ou fundamentos positivos, deixam as nutrizes primárias indecisas quanto o que é certo e o que é errado; as nutrizes se preocupam com o "*acertar*" e sofrem quando "*erram*", resultando em hipogalactia (redução da produção de leite) e conseqüentemente em desmame precoce.

Muitos dos tabus, costumes e ritos da comunidade das atoras-sociais colocaram em xeque os valores da pesquisadora, cuja cultura é de transcendência européia. Porém respeitou-se, profundamente, toda a "*maneira-de-ser-e-de-ver*" das atoras-sociais. Foram dados esclarecimentos sempre que houve atentado aos princípios básicos de saúde e da amamentação, sem no entanto estabelecer comparações ou fazer prevalecer valores próprios.

Registramos alguns exemplos de herança social, que interferem grandemente no sucesso, ou não, da lactação, detectados por ocasião das visitas domiciliares e que demonstram o distanciamento entre a antropologia cultural e o discurso da amamentação pelos profissionais de saúde.

- As comunidades levam consigo a crença dos "maus ares". Crêem que o ar pode penetrar no corpo do recém-nascido por quaisquer de seus orifícios, causar doenças, levando-as assim ao costume de usarem touca (no recém-nascido) para impedir que o ar entre pelas orelhas; de fixarem um moeda ou um botão, com esparadrapo e cinteiro, no umbigo do

recém-nascido; a observarem a "espremissão" (se expreme todo), vocábulo usado pelas atoras-sociais para designar as contrações do nenê e a "abrição de boca" do recém-nascido, como sintomas de "ventre caído" ou "ventre aberto".

- Os primeiros banhos do recém-nascido, são delegados a uma pessoa experiente da comunidade, independente de ser parente ou não. A água do banho do recém-nascido deve ser despejada no vaso sanitário, lentamente, sem respingar, senão dá cólica no nenê.
- O recém-nascido não pode assustar-se. O susto dá "ventre contrário". Se isto acontecer, deverá ser levado para a rezadeira "desvirar".
- É bom colocar alguma coisa vermelha, ou uma figa, no nenê, para ele não "pegar mau olhado".
- A mãe não deve cortar a unha do recém-nascido. Ela deve ser cortada por outra pessoa.
- O umbigo do recém-nascido tem que ser "enterrado no esterco" ou "enterrado ao pé de uma rosa branca", para o nenê não "pegar maldade" e para ele "ter sorte", respectivamente. Ou tem que ser guardado em lugar seguro para os "animaizinhos" (rato, gato, cachorro) não comerem, senão o nenê "vira ladrão".
- O recém-nascido não pode ser mostrado a ninguém no sétimo dia de nascimento (neste dia a pesquisadora não fazia visita domiciliar).
- A nutriz não pode tomar água, enquanto dá de mamar. "Faz mal ao recém-nascido".
- Não pode tomar cerveja preta durante o primeiro mês de puerpério. Não é bom comer ovo durante o resguardo. Pode inflamar o útero.
- O recém-nascido não pode dormir no peito. Ele pode "golfar". Se golfar, "o calor do estômago do nenê entra no peito da mãe e arruína" (mastite). Para não arruinar, depressa pentear a mama ou virar o nenê com as pernas para fora e deixar "ele" mamar na mesma mama que ele golfou.
- É desaconselhável "espremer" leite da nutriz, na parede ou no chão. O leite é "chupado" pelo cimento e pelo tijolo e seca.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tabus que, direta ou indiretamente, envolvem a amamentação, e portanto, fazem parte da antropologia cultural, merecem ser conhecidos e estudados com profundidade pelos profissionais de saúde da área materno-infantil e por todos os que trilham o caminho do incentivo ao aleitamento materno. Caso contrário, a questão do aleitamento materno continuará sendo um problema de sociedade alienada que busca soluções e respostas em supostos isolados fatores causais do desmame precoce.

Quanto a enfermagem que, desempenha papel preponderante no sucesso da alimentação natural ao peito, deve possuir vasto conhecimento teórico-prático de anatomia, fisiologia, mas primordialmente, de psicologia, sociologia e antropologia. Deve ter conhecimento sobre a etnia e a classe a que pertencem os pais, como são seus costumes e características e quais são as principais causas do declínio da amamentação na região.

Estes requisitos são fundamentais para saber-compreender a atitude e o comportamento de cada nutriz, cada ser humano na amamentação, para ensinar-assistir holisticamente - e para saber-fazer com segurança e determinação, tudo o que se relaciona com o aleitamento materno.

Concluimos afirmando que as nutrizes dependem muito do apoio e da compreensão da sociedade mas, principalmente, dos profissionais de saúde, para a efetivação da amamentação com o mínimo de desconforto e aborrecimento. Elas merecem compreensão e atenção especial na busca de uma alternativa profilática plausível, mediante estudo aprofundado de antropologia cultural com informações científicas. Elas nada nos pedem em troca, apenas nos devolvem suas crianças, a esperança do nosso futuro, amamentadas por mais tempo com alegria e satisfação, mais resistentes às infecções e por sua vez mais hígidas, garantem-nos a redução do desmame precoce e da desnutrição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 OMS/UNICEF. *Alimentação de lactentes e crianças na primeira infância* Genebra: 1979, p.11-19.
- 2 PIZZATO, M. G. & POIAN, V.R.L. *Enfermagem neo-natológica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, p. 137.
- 3 SOUZA, M. das G.R. de & SOUZA, P.L.R..O declínio da amamentação materna. *Pediat. Prát.*, 48:31-38, 1977, p.34.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1983.
- 2 BLEIER, I. J. Atencion prenatal. In: *Enfermeria materno infantil*. Trad. Georgina Guerreiro, México, Interamericana, 1975. p.54.
- 3 BROOKMILLER, M.M. & BROUEN, G.L. Assistencia durante el puerperio. In: *Enfermeria Obstetrica*. 5.ed. México: Interamericana, 1959, p. 401.
- 4 BUZZI, A. R. *Introdução ao pensar - o ser, conhecimento, a lingua* 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p.64.
- 5 CAMPESTRINI, S. *Alternativa tecnológica na redução de traumatismo mailar-experimentação de un invento*. Tese de mestrado. EEAN/UFRJ. Rio de Janeiro, 1989 (mimeografado).
- 6 \_\_\_\_\_. *Aleitamento materno - reflexão crítica sobre seu declínio*. Monografia de mestrado. UNIRIO. Rio de Janeiro, 1987 (mimeografado).
- 7 ESCALONA, S.L. *Antropologia e educação*. Trad. Euclides Carneiro da Silva, São Paulo: Paulinas, 1983, p.24.
- 8 FUERST, E.V. et al. Contribuições da antropologia para a enfermagem. In: \_\_\_\_\_. *Fundamentos de Enfermagem*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1977, p.121-130.
- 9 \_\_\_\_\_. *Fundamentos de Enfermagem*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1977, p.121-130.
- 10 HAMITON, M.P. Assistência pós-parto. In: \_\_\_\_\_. *Assistência materno infantil de enfermeria*. México: Interamericana, 1970, p.208.
- 11 JELLIFFE, E.F. *O leite humano no mundo moderno* Oxford: Universidade de Oxford, 1978.
- 12 KANT, I. *Fundamentação da metafisica dos costumes*. Trad. Pulo Quintela. Lisboa: Edições 70, s.d. (Textos filosóficos), p. 71.
- 13 LA LECHE LEAGUE INTERNATIONAL (LLL). *El arte feminino de amamentar*. Illinois, 1975, p.13-19.
- 14 LEINENGER, M. *Nursing and anthropology: two Worlds to blend*. New York, Hohn Wiley and Sons, 1970.
- 15 MARTINS, I & FARINHA, M.F.S. *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1984, p.77.
- 16 OREM, D. E. *Nursing - concepts of practice*. New York: Mc Graw Hill Inc., 1971, p.14.
- 17 RABUSKE, E.A. *Antropologia filosófica* 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 199.
- 18 REEDER, S.J. et al. *Enfermeria materno infantil*. Trad. Ulisses Consuegra. 2. ed. POS/OMS., 1981, p.269.
- 19 TAGGART, M. E. A practical to successful breast feeding. *Can. Nurs.*, Canadá, 72 (3):25-30, mar., 1976, p.27.
- 20 WAECHTER, E.H. & BLAKE, F.G. *Enfermagem pediátrica*. 9. ed., Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.